

A INFLUÊNCIA DO TRATADO DE ANDREA POZZO NAS PORTADAS DO CLAUSTRO DA SÉ DO PORTO

Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves
Faculdade de Letras. Universidade do Porto

INTRODUÇÃO

No Porto do século XVIII o conjunto episcopal formado pela Sé, Casa do Cabido e Paço Episcopal, constituiu um dos centros artísticos mais importantes da cidade. Ao longo de Setecentos foram frequentes as obras de melhoramento e renovação da catedral e da residência do Bispo, sendo edificada, na primeira metade da referida centúria, uma nova Casa do Cabido (1717-1722). Esta actividade iniciada em 1700-1701, com a ampliação da sacristia e com a construção da nova capela do Santíssimo Sacramento (1707-1708)¹ concluiu-se com a construção do actual Paço Episcopal, edificado «desde os fundamentos», no bispado (1771-1793) de D. João Rafael de Mendonça (1717-1793). No espaço de tempo compreendido entre as obras referidas a diocese conhecerá dois períodos de Sede Vacante: o primeiro, de 1717 a 1741, e o segundo, de 1766 a 1770, correspondendo a primeira vacância ao período de maior actividade artística. De 1717 a 1741, deu-se aquilo que podemos designar pela total «barroquização» da Sé, introduzindo-se, nessa altura, novos modelos formais e decorativos que, a partir da catedral, vão influenciar a arquitectura setecentista portuense e do Norte de Portugal.

A Sé do Porto, iniciada no último quartel do século XII, começou a ser alterada na sua estrutura medieval a partir dos primeiros anos do século XVII. A capela-mor, com charola, três capelas radiantes² e galeria de circulação, foi demolida no tempo de D. Fr. Gonçalves de Morais³ (1543-1617), Bispo do Porto de 1603 a 1617,

edificando-se uma nova capela-mor de gosto maneirista, entre 1609 e 1617⁴, altura na qual a catedral portuense teria, também, uma nova sacristia. Não apareceu, até ao momento, documentação que, de uma forma inequívoca, nos forneça o nome do arquitecto da nova capela-mor e sacristia. O seu provável autor seria a mestre de pedraria-arquitecto Valentim Carvalho, figura importante da arquitectura portuense da primeira metade de Seiscentos.⁵

Se, ao longo do século XVII, as obras mais importantes da Sé foram as que referimos, a sua grande transformação deu-se na primeira metade da centúria seguinte num período de Sede Vacante. Estas obras na catedral portuense são mais um exemplo da grande actividade artística promovida, muitas vezes, pelos Cabidos na ausência de prelado à frente das Dioceses.

A longa Sede Vacante de 1717 a 1741, deve-se ao facto do então Bispo do Porto (1709-1717) D. Tomás de Almeida (1670-1754), ter sido nomeado Arcebispo de Lisboa ocidental e primeiro Patriarca. A transferência do prelado para a capital e o corte de relações diplomáticas entre as cortes de Lisboa e Roma, de 1728 a 1732, levou a uma prolongada Sede Vacante. O Porto só teria novamente bispo a partir de 1741, quando foi nomeado para o lugar D. Fr. José Maria da Fonseca e Évora (1690-1752).

As obras iniciadas na Sé Porto em 1717 vão: alterar a fachada principal; dotá-la de uma nova galilé; rasgar as paredes com grandes janelas para iluminar o interior medieval; revestir o seu interior de estuque para receber pintura ilusionista e também novas formas arquitecturais (pilastras, frontões, e outras estruturas arquitectónicas e decorativas feitas de estuque); retábulos e outros elementos de talha; novas instalações (uma sacristia pequena entre outras); uma escadaria de lanços convergentes e divergentes, que liga o claustro ao andar superior do mesmo, e outras intervenções que alteraram profundamente o edifício medieval.

Estas obras, que atraíram um número importante de arquitectos, pintores, escultores, entalhadores e artífices (entre os quais pedreiros, carpinteiros e ferreiros) e, para a maior parte dos casos, com a sua actividade bem documentada, vão afirmar na cidade o Barroco. A arquitectura portuense a partir do último quartel de Seiscentos, ainda que ligada a um conservadorismo maneirista (do qual dificilmente se libertará nos primeiros anos do século XVIII), vai mostrando tendência para uma mudança. Nos edifícios começa a introduzir-se uma linguagem decorativa de formas túrgidas e

movimentadas que acaba por se impor, como podemos ver a título de exemplo: na portada da igreja do Convento de São Francisco (c.1680-1682)⁶e na portaria do Convento de Santa Clara (1697). A partir do finais do primeiro quartel do século XVIII afirma-se o Barroco, através da influência de uma nova tratadística e da reutilização de um formulário tradicional (tratados e gravuras maneiristas) que vão dar origem a uma arquitectura, onde, quase sempre, dominam os efeitos decorativos. Esta tendência vai aparecer também em Braga e na zona de influência das duas cidades, que é todo o Norte de Portugal.

AS PORTADAS DO CLAUSTRO E O TRATADO DE ANDREA POZZO: TRÊS EXEMPLOS

A construção do claustro⁷ da Sé do Porto iniciou-se em 1385⁸, sendo bispo D. João III, que esteve à frente dos destinos da Diocese de 1373 a 1389, com o auxílio do Senado da Câmara, que ofereceu para a sua edificação «mil pedras lavradas». O claustro catedralesco é descrito por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996) da forma seguinte: « tem, ao todo, nas suas quatro alas, vinte tramos, de cobertura ogival, sem cadeias. Dezasseis destes tramos, nem sempre iguais, abrem-se para a quadra central em pequenas arcadas, geralmente três, que se apoiam em colunas aos pares. Todos os arcos arrancam de colunas agrupadas. Há, por isso, no pequeno espaço desta construção cerca de duzentas colunas que o enriquecem de ritmos, que lhe conferem algumas boas perspectivas e lhe disfarçam bastante a demasiada robustez que apresenta. As bases das colunas, bulbiformes, são arcaizantes, mas os capiteis, sem volutas, cobertos de folhagens em todo o espaço do seu cesto, muito fino e alto, já não são. Na sua época usavam-se ainda muito os motivos historiados e animais, de que, aqui, há apenas um exemplar. O capiteleiro que trabalhou para esta obra era hábil no modelo do capitel de folhagens mas, talvez porque não tivesse capacidade para variar, multiplicou-se repetitivamente. As impostas, altas e muito largas, resultam exageradas, desproporcionadas relativamente às pequenas arcadas que recebem. Os arcos são muito quebrados, ao gosto do seu tempo, e os contrafortes, muito baixos, são arcaizantes»⁹.

Desde a sua construção até ao século XVII foram sendo feitas obras que iam completando a sua estrutura, entre as quais queremos apontar dois momentos relacionadas com a história do claustro da Sé do Porto. No século XVI, D. Fr. Marcos de Lisboa, Bispo do Porto de 1582 a 1591, mandou edificar no lado Sul do claustro a Capela de Nossa Senhora da Saúde¹⁰, designada actualmente por Capela de São Vicente, com a finalidade de a transformar em panteão dos prelados portuenses. Com o falecimento de D. Gaspar do Rego da Fonseca (1576-1639), Bispo do Porto de 1536 a 1539, e a sequente revolução de 1 de Dezembro de 1640, que elevaria ao trono o 8º duque de Bragança, D. João IV (1604-1656), vigésimo-primeiro rei de Portugal, o não reconhecimento, por parte do papa¹¹ Urbano VIII (1568-1644), da nossa independência, levou a um grande período de vacância, de 1639 a 1671, na Diocese do Porto. Neste período, fizeram-se obras no claustro designadas por Manuel Pereira de Novais como claustros altos: «que se fabricaran en el tiempo que, Sede Vacante, governava el obispado el Doctor Manuel de Seabra y Souza, Arcediano de la Regoa, como Provisor, y, juntamente, como fabriquero desta Santa Iglesia, que ordenò esta fabrica de Claustro com una solana para tomar el Sol, y Un transito a Una Capilla»¹². Esta é a capela de Santa Cecília, levantada na varanda da Sé¹³, obra¹⁴ a que estiveram associados os mestres de pedraria Domingos Novais¹⁵ e seu filho João da Rocha. O mesmo autor refere, ainda, que o bispo D. João de Sousa, quis dedicar a capela «a Nuestro Padre San Rosendo». Assim a intervenção feita no claustro no período referido dotou-o de uma varanda com alpendre (até meados do século XX existia um alpendre em três lados, Sul, Nascente e Poente, da parte superior do claustro) e de uma capela.

Entre as primeiras obras realizadas na Sé na vacância de 1717 a 1741, encontra-se uma primeira intervenção no claustro documentada por dois contratos, o primeiro de 1 de Abril de 1717, que não teve efeito, seguido de outro de 6 de Abril. Segundo o primeiro contrato pretendia-se lagear de novo os quatro lados do claustro e fazer uma «caza [...] no quintal nas costas da Caza da Camera» além de outras obras como se transcreve nos apontamentos¹⁶, da autoria do arquitecto João Pereira dos Santos¹⁷. O segundo contrato, que teve efeito, refere-se só às sepulturas que seriam feitas nos quatro lanços do claustro, obra arrematada pelo mestre pedreiro

António da Costa, residente na freguesia de Santo Ildefonso da cidade do Porto.

A esta primeira empreitada segue-se toda a renovação do claustro gótico (Fig. 1). No andar térreo vemos: novas portadas; painéis de azulejo; remates nos contrafortes e um acesso mais fácil ao pátio através de portadas com arcos abatidos, onde foi colocado um crucifixo assente em pedestal decorado. No piso superior, nos lanços cobertos pelo alpendre, a decoração azulejar enobreceu o percurso da portada da escadaria que ligava o andar inferior do claustro ao superior e, através deste, à sala das sessões da Casa do Cabido.

Na renovação efectuada por volta de 1727 o claustro vai ser dotado de uma série de novas portadas no piso térreo, onde se abrem: lado Norte, duas portadas que davam acesso às naves da igreja e uma portada-confessionário; lado Sul, portadas da escadaria, da capela de Santa Catarina (ou capela de Nossa Senhora da Conceição), da Capela de São Vicente e uma portada-confessionário; lado Nascente a portada da sacristia, a portada para o claustro pequeno e uma portada-confessionário; e lado Poente, duas portadas que dão acesso à Casa do Cabido. Em três dos ângulos do claustro abrem-se três arcos de volta perfeita, que correspondem às capelas de Nossa Senhora da Expectação, a capela de Nossa Senhora da Piedade, com as armas dos Cunhas e Aranhas e a capela de Nossa Senhora da Esperança¹⁸.

Como aconteceu com as alterações feitas na fachada e em toda a «barroquização» da Sé, nas novas portadas do claustro permanece a influência do tratado do arquitecto e pintor Andrea Pozzo (1642-1709), *Perspectiva pictorum et architectorum* (Roma, Joanis Jacobi Komarek, 1693-1700)¹⁹, que influenciará, a partir da sua utilização na Sé, toda a arquitectura portuense.

Os dois exemplos que queremos apresentar neste trabalho estão relacionados com as duas portadas que dão acesso à Casa do Cabido, executadas em 1727, e com duas portadas-confessionário que vemos nas paredes Norte e Sul. A parede do Poente apresenta duas portadas (Figs. 2 e 3) cujo esquema se inspira num dos dois modelos propostos por Pozzo na figura 103 (*Perspectiva...*, Parte seconda. Roma: Nella Stamperia de Giacomo Komarek Boemo, 1700) do seu tratado: uma portada rematada por dois segmentos de frontão de forma côncava; com um tímpano, ladeado por aletas, onde se inscreve um óculo de forma elíptica, decorado com grinaldas (Fig. 4). Nas duas portadas do claustro da Sé seguem o esquema anterior,

com poucas variantes. Estas encontram-se essencialmente na ausência das grinaldas e no aparecimento de panejamentos que caem das aletas e da introdução de uma urna, num dos óculos de uma das portadas. As duas (Fig. 5) outras portadas (portadas-confessionário), uma no lado Norte e outra no lado Sul, inspiram-se num dos desenhos da figura 102 (Fig. 6), ainda que mais elaborado. O que é significativo é o frontão formado pela associação de segmentos rectos e curvos, que no caso da portada da catedral portuense é sobrepujado de um remate de elegantes recortes com um óculo cego na parte central. O tema decorativo do tímpano da portada da Sé, um panejamento recortado com três borlas e decorado lateralmente por finas grinaldas, forma que aparece numa gravura de Alexis Loir (último terço do século XVII) e que vai aparecer na arquitectura e em outras formas artísticas setecentistas no Porto.

A influência do tratado de Andrea Pozzo na «barroquização» da Sé tem dois aspectos que queremos evidenciar no contexto da arquitectura portuense: em primeiro lugar, a adesão por parte dos responsáveis pelas alterações arquitectónicas na catedral (principalmente António Pereira e Miguel Francisco da Silva) a um tratado recentemente publicado e a sua aplicação quase sistemática (nalguns casos recorreu-se a formas arquitectónicas tradicionais) em todas as vertentes artísticas necessárias para a modernização do edifício; em segundo lugar a importância que vão ter na arquitectura da cidade os modelos arquitectónico-decorativos que, a partir da Sé, originam o Barroco portuense e o da sua área de influência. Aquele, juntamente com o seu congénere de Braga, vão caracterizar todo o Norte de Portugal.

Neste contexto, o Barroco do Norte de Portugal que, sob a forma de tardobarroco com decoração recocó vai manter-se ao longo de toda a centúria, não teve, como geralmente se lê, figuras dominantes. Nem o Porto foi dominado pela arte de Nicolau Nasoni, nem Braga pela de André Soares. A estes nomes temos que associar muitos outros que, como eles, concorreram para uma mesma realidade: um gosto muito marcado pela decoração que originou um Barroco túrgido e festivo. Este primado da decoração na arquitectura que predomina nos dois grandes centros artísticos, que muito influenciaram a arte do Brasil setecentista, começa a aparecer nas duas cidades a partir do último quartel do século XVII, e vai atingir a sua expressão

mais magnificente na centúria de Setecentos. A fachada da igreja da Misericórdia do Porto ou a Casa do Raio em Braga, são dois exemplos dessa realidade nortenha.

DOCUMENTO

1717.Janeiro.16

Obras no claustro

A.D.P., Cabido 1622, fls.7-8

«Assento que mandou fazer o Reverendo Cabbido do lagiamento do claustro da Se e huma caza no quintal della para recolher alguma fabrica: e concerto de todas as vidrassas assim do choro como do corpo da igreja.

Aos desaseis dias do mês de Janeiro de mil e setecentos e desasete estando em Cabbido os Reverendos Capitulares por som de campa tangida conforme seu uso e antiguo costume tratando se dos negocios pertencentes a Sê Vacante, ahi foi proposto pello Reverendo Chantre Prezidente, que entre as obras mais precisas, e necessarias para esta Sê era acudir aos reparos das vidraças assim do choro de sima como das naves e corpo da igreja, por se hirem aruinando de todo e depois faria mayor despeza não se lhe acudindo logo: outro si era necessario fazersse o lagiamento do claustro da Sê, que já na Sê Vaga antecedentese tinha rematado e o Illustrissimo Bispo D. Thomas de Almeida a quis mandar fazer por estar incapas o dito claustro de se poder por elle fazer as prociçoens que todos os domingos e dias Santos se costumão fazer como tambem ser precisa e necessaria hua caza no quintal da Sê para recolher caixoens e almarios que indecentemante estão occupando asim o dito claustro como naves da Sê para o que se rezolveo por todos os reverendos capitulares que estavam presentes, que o nosso Conego Fabriqueiro Manoel Gomes Leyte com asistencia do nosso muito Reverendo Arcipreste se puzesse as ditas obras a pregão judicialmente para logo com effeito se fazerem, e lhe damos todo o poder para as poder rematar para que logo com toda a brevidade se fação as ditas obras, e mandaria o Reverendo Cabbido aestir com o dinheiro que fosse necessario para as ditas obras ao dito Fabriqueiro Manoel Gomes Leyte. Outro sy se rezolveo que o reverendo padre Antonio

Ribeiro Luis seria Procurador na corte de Lisboa dos negocios pertencentes a Mitra com ordenado em cada anno de sincoenta mil reis, pagos as mezadas; e outro sy se concervasse o Procurador da Mitra na cidade de Braga que he o licenciado Manoel Tinoco de Magalhães com o mesmo ordenado de quinze mil reis de que se mandou fazer este termo e eu Manoel Carneyro de Araujo Mestre Escola e secretario do Reverendo Cabbido Sede Vacante que o escrevi

O Chantre Antonio Gomes Deça

O Mestre Escola Manoel Carneiro de Araujo

Doutor João Lopes Baptista Tameirão, arcediogo do Porto

Luis de Magalhães²⁰, arcediogo de Oliveira

Baltazar Leitão de Magalhães e Silva, arcipreste

Dinis da Silva de Faria

Bento (?) da Fonseca (Bento Tomé da Fonseca)

Bernardo de Azevedo Carvalho

Manoel da Cunha Peyxoto».

NOTAS

¹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Elementos para a história artística da Sé do Porto nos séculos XVII-XVIII (I). Nótula sobre algumas obras (1665-1709). *Revista da Faculdade de Letras*. II série, vol. VIII, Porto (1991) 275-288.

² Capela do Salvador, Capela de São Jerónimo e Capela de Santa Margarida. Cf. BASTOS, Artur de Magalhães – A Sé do Porto. Documentos inéditos relativos à sua igreja. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. III. Porto. (1940), 218.

³ «Considerò, assi mesmo, que para la Capacidad de la Iglesia era pequena la Sacristia, y mui corta la Capilla Mayor». NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrisis Historial. Episcopologio*. IV. Porto: Tipografia Progresso, 1918. p. 47.

⁴ BASTO, Artur de Magalhães – ob. cit. 225.

⁵ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – Duas nótulas para a História da Arte. *Portugália*. Nova série, vols. XVII-XVIII. Porto (1996/1997), 293-295.

⁶ «Diz o guardião deste convento de S. Francisco, que por attender à notavel falta que fazia na igreja huma porta principal, e lhe constar dos grandes dezejões que todo este povo tinha de a ver, se rezolveo a emprender o abri la, como a todas Vossas Mercês he manifesto: E porque a obra por grande excede ao que podem as forças mendicantes religiozas, como tambem porque he credito dos nobilissimos cidadãos desta cidade a sumptuozidade dos edificios, e he esta igreja a principal donde com maes frequencia a mayor parte do povo, e não menos ser para mayor honra e gloria de Deos, que he o tudo». A Câmara do Porto deu para ajuda da portada da igreja do Convento de São Francisco 50.000 réis (1682. Outubro.08). Arquivo Histórico Municipal do Porto (A. H. M. P), Livro do Cofre nº 7 (495), fl.379.

⁷ «Um claustro, como hoje o imaginamos, um quadrilátero de pórticos abrigados, fechados (sobre si) mas abertos para uma quadra central imediatamente encostado a uma igreja e participando de alguma sacralidade, um claustro, como um espaço funerário, de silêncio e de procições, como um corredor de serviços para os actos mais solenes de comunidade é o resultado tardio de uma padronização da vida monástica medieval, no qual os cistercienses tiveram ainda um papel determinante. Embora haja quadras pré-românicas e românicas, como sistema, o claustro-padrão, como imaginámos, é, sobretudo, um produto gótico. Poderemos lembrar, entre nós, a elementaridade de alguns claustros românicos, caso do claustro de Santo Amaro, na Catedral de Braga, ou o primeiro claustro gótico da Sé do Porto. A Catedral de Lisboa terá o seu apenas no século XIV e o de Alcobaça inicia-se em 1308. E por isto que o excelente século claustro da Sé Velha de Coimbra, feito nos meados da primeira parte do século XIII, apesar das influências cistercienses que evidencia, nos extasia e nos causa grande admiração. Ele representa, em Portugal, um avanço definitivo na arquitectura desse género e, como realização muito nova que foi, ele será, entre nós, um modelo sempre glosado até ao manuelino». ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira- *Claustro Gótico – Sé do Porto*. s/l, s/d.

⁸ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – ob. cit.

⁹ «O claustro gótico da Sé do Porto tem muitos desequilíbrios entre os seus elementos. Alguns dos seus arcos são irregulares ou estão mal fechados e, sobretudo, mostra-nos uma estruturação desproporcionada, com tramos mais reduzidos o que nos dá a nítida impressão de ter sido comprimido. Inspirado no modelo conimbricense, ele não deixa de ser uma obra dos finais do século XIV, com muito significado regional. O seu mestre mostra-nos que conhecia os padrões locais da construção da sua época, mas revela também bastantes inabilidades, uma falta de rigor e, certamente, muita imperícia na arte de riscar». ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – ob. cit.

¹⁰ «Suya es la fabrica de la Capilla de Nuestra Señora de la Agonia, y del glorioso Mártir San Vicente, situada en el Claustro de la mesma Iglesia, en el angulo meridional y Occidental del, en Donde Abrió, en el pavimento della, Un Carnero, ò Mausoleo, para Entierro de sus huesos y cadáver». NOVAIS, Manuel Pereira de – ob. cit., p. 14.

¹¹ Papa de 1623 a 1644.

¹² NOVAIS, Manuel Pereira de – ob. cit., p. 148.

¹³ «Do dinheiro, que esta dedicado para a hermda das varandas da See, darâ Vossa Merce ao mestre carpinteiro Manoel de Barros vinte e sinco mil reis, a conta da obra do simpliçes, armação da dita capella. que rematou por sesenta e sinco mil reis na forma dos apontamentos, que ficão em meu poder e com seu recibo se levarão a Vossa Merce em conta. Porto, e de Julho 9. 1658». Arquivo Distrital do Porto (A.D.P.), Mitra 1815, fl. 86.

¹⁴ Domingos de Novais recebeu pela primeira arrematação da capela 100.000 réis e pela segunda arrematação 50.000 réis.

¹⁵ A.D.P., Mitra 1815, fl.110.

¹⁶ A. D. P. Secção Notarial, Po. 1º, 4ª série, nº 238, fls. 91v-93v.23

¹⁷ «João Pereira dos Santos arquiteto fis estes apontamentos por ordens que me derão os ditos reverendos e o mestre fara a dita obra a contento do dito arquiteto».

¹⁸ FERREIRA, J. Augusto – Porto .*Origens Historicas e seus principaes monumentos. Cathedral, Santa Clara, S. Francisco e Cedofeita*. Porto: Imprensa Marques Abreu, Limitada,1928, p.12.

¹⁹ WIEBENSON, Dora – *Los Tratados de Arquitectura. De Alberti a Ledoux*. Madrid: Herman Blume, 1988. p.225-227.

²⁰ Luís da Costa Magalhães.